



## Escolas italianas em Minas Gerais: organização, currículo e relações sociais

Maysa Gomes Rodrigues

Faculdade de Ciências Humanas, Universidade FUMEC, Rua Cobre, 200, 30310-190, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [maysagomes@gmail.com](mailto:maysagomes@gmail.com)

**RESUMO.** O objetivo deste artigo é discutir a organização das escolas italianas (particulares ou vinculadas a Associações Benéficas) a partir de suas circunstâncias e de seus currículos. O fenômeno da imigração para Minas Gerais trouxe um grande contingente de imigrantes italianos que, entre outros feitos, criaram escolas em vários municípios mineiros. A nossa indagação é: quais elementos eram comuns e quais eram diferenciadores nas escolas italianas em Minas Gerais? Para respondê-la, analisamos fontes documentais, do período de 1899 a 1911, sobre a organização das seguintes escolas: escola italiana vinculada à Società Italiana de Belo Horizonte, a escola Regina Margherita e a escola Umberto Primo, em Juiz de Fora (sendo a última vinculada à Società Italiana Umberto Primo), a escola italiana Dante Alighieri, vinculada à Società Dante Alighieri de Ouro Fino e a escola Umberto Primo, em Nova Lima, também vinculada à Società Italiana desta cidade. Esse estudo contribui para o esclarecimento de proximidades e diferenciações sobre a organização das escolas italianas e, inevitavelmente, para a compreensão da escolarização dos imigrantes em Minas Gerais.

**Palavras-chave:** escolas italianas, organização, currículo.

### Italian schools in Minas Gerais: organization, curriculum and social relations

**ABSTRACT.** Current research discusses the organization of Italian schools (private or linked to charities) by their circumstances and curricula. The immigration phenomenon in Minas Gerais brought a large population of Italian immigrants on whose experience several schools were founded in some towns of the state of Minas Gerais, Brazil. Current essay investigates the common and differentiating factors of Italian Schools in the state? Documentary sources were analyzed on the organization of the following schools: Italian School linked to the Italian Beneficent Association in Belo Horizonte, and the schools Regina Margherita and Umberto Primo in Juiz de Fora. The Umberto Primo school was associated to the Italian Society Umberto Primo and the Italian school Dante Alighieri was associated to the Società Dante Alighieri in Ouro Fino and Umberto Primo School in Nova Lima, linked to the Società Italiana of this town between 1899 and 1911. Current analysis contributes towards the clarification of similarities and differentiations on the organization of Italian Schools, and, inevitably, to the understanding of the schooling of immigrants in Minas Gerais.

**Keywords:** italian schools, organization, curriculum.

### Escuelas italianas en Minas Gerais: organización, currículo y relaciones sociales

**RESUMEN.** El objetivo de este artículo es discutir la organización de las escuelas italianas (particulares o vinculadas a Asociaciones Benéficas) a partir de sus circunstancias y de sus currículos. El fenómeno de la inmigración para Minas Gerais ha traído un gran contingente de inmigrantes italianos que, entre otros hechos, crearon escuelas en varias ciudades mineras. Nuestra cuestión es: ¿cuáles elementos eran comunes y cuáles eran diferenciadores en las escuelas italianas en Minas Gerais? Para contestarla, analizamos fuentes documentales, del período de 1899 a 1911, sobre la organización de las siguientes escuelas: escuela italiana vinculada a la Società Italiana de Belo Horizonte, la escuela Regina Margherita y la escuela Umberto Primo, en Juiz de Fora (siendo la última vinculada a la Società Italiana Umberto Primo), la escuela italiana Dante Alighieri, vinculada a la Società Dante Alighieri de Ouro Fino y la escuela Umberto Primo, en Nova Lima, también vinculada a la Società Italiana de esta ciudad. Este estudio contribuye para el esclarecimiento de proximidades y diferenciaciones sobre la organización de las escuelas italianas e, inevitablemente, para la comprensión de la escolarización de los inmigrantes en Minas Gerais.

**Palabras clave:** Escuelas italianas, organización, currículo.

### Introdução

Apresentamos, neste artigo, a discussão sobre a organização de escolas italianas a partir de suas circunstâncias e de seus currículos. As escolas italianas no Brasil, em diversos estados, possuíam características próprias e semelhantes. Em Minas Gerais,

onde o fenômeno da imigração trouxe um grande contingente de imigrantes italianos, temos, nas experiências deste grupo, a criação de escolas em vários municípios mineiros. Em Belo Horizonte, encontramos, na constituição da escola italiana vinculada à Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, algumas características que diferenciaram esta escola

de outras da mesma natureza no estado. A partir desta constatação, e tomando esta escola como referência, buscamos conhecer outras escolas italianas particulares ou vinculadas a Associações criadas em Minas Gerais.

A indagação que apresentamos é: quais elementos eram comuns e quais foram diferenciadores das escolas italianas em Minas Gerais? Para respondê-la, tomamos como fontes documentais desta pesquisa currículos, programas e relatórios sobre a organização de diferentes escolas, no período de 1899 a 1911, estendendo a análise a alguns documentos datados de 1940.

Demarcamos para este estudo a escola italiana vinculada à Sociedade Italiana de Belo Horizonte; as escolas Regina Margherita e Umberto Primo de Juiz de Fora, (a escola Regina Margherita era particular e a Umberto Primo vinculada à Sociedade Italiana homônima); a escola italiana Dante Alighieri vinculada à Sociedade Dante Alighieri de Ouro Fino e a escola Umberto Primo em Nova Lima, também vinculada à Sociedade Italiana desta cidade. São, portanto, cinco escolas situadas em diferentes municípios mineiros e sobre as quais encontramos registros que nos permitem essa incursão.

Além disso, consideramos o avanço da pesquisa e da produção sobre educação de imigrantes no Rio Grande do Sul e dialogamos com autores como Luchese (2008) e Kreutz (2000, 2004), visando estabelecer uma primeira aproximação entre as escolas estudadas, a organização destas e seus currículos. Esta análise contribui para o esclarecimento dos processos de organização das escolas italianas e, inevitavelmente, para a compreensão da escolarização dos filhos dos imigrantes no Brasil.

### Minas Gerais, imigração e escolarização

As características da imigração em Minas se apresentam pela semelhança com o discurso em relação a outros estados brasileiros, mas suas peculiaridades dizem respeito ao número de imigrantes (relativamente menor que São Paulo, por exemplo), às formas e ao número de experiências de colonização (diferenciadas quantitativa e qualitativamente do Rio Grande do Sul). Soma-se a isto, a vinda de operários italianos qualificados para a construção da capital mineira, em fins do século XIX. No entanto, a fundação de Associações Beneficentes foi uma característica, se não exclusiva dos italianos, marcante na vida destes imigrantes no Brasil e em Minas Gerais.

Espalhadas por diferentes estados brasileiros, estabeleceram formas de promoção da vida coletiva por meio de práticas assistenciais e culturais. Trento (1989) analisa a existência das Sociedades e das Escolas Italianas e ressalta que as manifestações da

vida coletiva eram profundamente valorizadas pelos italianos em função dos problemas de diferentes ordens e natureza que enfrentaram, afirma:

Ao lado das propostas de costureira assistência aos menos favorecidos, a preocupação constante da colônia italiana, pelo menos a partir da última década do século XIX será a de recuperação da identidade nacional e defesa da cultura e da língua. (TRENTO, 1989, p. 159).

Neste contexto, as escolas desempenhariam um importante papel<sup>1</sup>.

Na estruturação da vida coletiva, a imigração e a educação constituíram dois lugares distintos e indissociáveis, na medida em que, ao se fixarem no Brasil, e em Minas, os imigrantes necessitaram de espaços para que seus filhos fossem instruídos. Esses aspectos foram inerentes ao processo de imigração e esses locais, para o período em estudo, eram as escolas.

A análise de Kreutz (2000) sobre as escolas comunitárias de imigrantes no Brasil, dentre as diversas ponderações que apresenta, considera que a construção do processo identitário étnico dos diferentes grupos foi um fator de forte influência, pois “[...] concorreu e interferiu na forma como estruturavam a sua vida coletiva” (KREUTZ, 2000, p. 174) e reitera a necessidade de estudos históricos da educação na perspectiva cultural. Essa perspectiva amplia as possibilidades analíticas na medida em que considera a dinâmica coletiva como instância e fator da escolarização, no qual o ambiente cultural situa a construção social da vida do grupo como dimensão essencial do processo educacional. Neste contexto, consideramos as experiências escolares voltadas para essa educação em diferentes centros urbanos e em consonância com as transformações da sociedade brasileira do período.

A importância do processo imigratório se estabeleceu pelas influências nas relações de trabalho, bem como pelas modificações culturais, sociais e econômicas que promoveu. No cenário destas mudanças, as ações do Estado exerceram um papel fundamental, pois estabeleceram as diretrizes políticas para atendimento das demandas sociais. Neste quadro, tanto a imigração e quanto a educação emergiram como dois setores cujas demandas mereceram ações específicas do Estado.

As contradições relativas às visões sobre os imigrantes europeus estiveram presentes na construção de imaginários diferenciados por parte de diversos setores sociais no Brasil. O debate que se instalou em Minas e em outros estados, ainda no século XIX e início do XX, evidenciou essa percepção contraditória e mostrou como eram vistos os sujeitos da imigração: estrangeiros, imigrantes.

<sup>1</sup> Referimo-nos aqui às escolas com características étnicas, geralmente particulares e vinculadas às Associações ou Sociedades Beneficentes.

Os documentos do governo mineiro, referentes à imigração e à educação, manifestavam concepções e visões acerca da imigração e recomendavam determinados cuidados a se tomar em relação ao elemento estrangeiro. Na ‘Falla à Assembléia Provincial’ de 1888, encontramos a seguinte observação:

Nós não devemos querer que Minas converta-se em uma grande estalagem de estrangeiros, senão, porém, em um centro de ‘assimilação étnica’, onde não se obliterem nem pouco nem muito os característicos de nossa primitiva consangüinidade. (MINAS GERAIS, 1888, p. 60, grifo nosso).

A questão da ‘assimilação étnica’ se constituiu em uma das preocupações mais duradouras em relação à imigração em Minas e, ao mesmo tempo, expôs a lógica do governo, calcada no reconhecimento da necessidade do imigrante e na negação da sobrevivência da diferença étnica no estado. Para isso, a dispersão e a pluralidade de origens seriam algumas das formas de manter o equilíbrio na distribuição desta população. Essa foi a diretriz do governo provincial em 1888 que perpassou o período republicano.

A assimilação étnica, como uma lógica presente no processo migratório, permeou a discussão acerca da imigração, do imigrante e da escolarização. O reconhecimento dos europeus como um povo mais adiantado, ‘morigerado e laborioso’, foi um fato, no entanto, isso não significava a aceitação da diferença étnica em nosso país, como apresentado em vários momentos e em diferentes períodos.

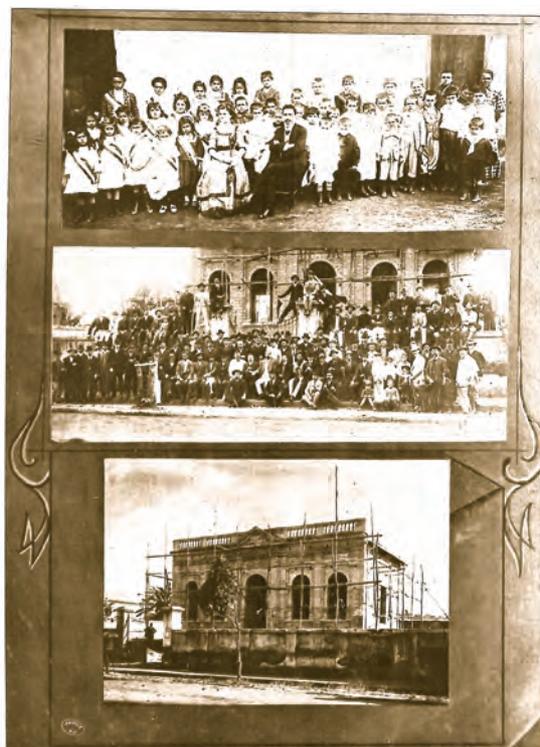
A alocação dos imigrantes em Minas Gerais favoreceu uma forma de relação entre eles e a sociedade, na qual a manutenção dos laços culturais encontrava outro lugar específico, que não o lugar geográfico de seu estabelecimento. Nesse contexto, igrejas e associações aparecem como espaços em que se desenvolveram sociabilidades e a escolarização de crianças filhas de imigrantes. Não obstante as iniciativas governamentais de criação de escolas nos núcleos coloniais e fora deles.

Na historiografia da educação, a escolarização demarcou, em seu desenvolvimento, um território específico. Nele, a diferença étnica encontrou resistências e tentativas de eliminação de valores culturais diferentes aos da nação brasileira a construir, interpondo-se aí a questão da nacionalidade como elemento formador e assimilador. A presença de escolas na história da imigração em Minas constitui uma importante dimensão da educação, que nos convida a pensar como esta presença se construiu em relação aos grupos de imigrantes e em relação aos seus lugares estabelecidos nas cidades e em suas Sociedades Beneficentes.

## O contexto das escolas italianas

Kreutz (2004), nos mostra as especificidades existentes em relação às escolas étnicas no contexto da imigração no Brasil e alerta sobre a necessidade de estabelecer distinções entre as características das escolas urbanas e rurais. Dentre outros fatores, considera que os imigrantes que se estabeleceram nos centros urbanos “[...] especialmente os vinculados ao comércio, à indústria e às profissões liberais formaram associações para manter as chamadas [...] ‘escolas italianas’ (Escolas Dante Alighieri).” (KREUTZ, 2004, p. 9, grifo do autor). O estudo deste autor esclarece, também, que estas escolas eram abertas a alunos não pertencentes ao grupo de imigrantes e ministravam um ensino de qualidade. Para tal finalidade, o currículo atendia às exigências nacionais sem deixar de lado a cultura do grupo e do país de origem.

O ponto de partida de nossa investigação situa-se na análise da escola italiana vinculada à Sociedade Beneficente de Mútuo Socorro de Belo Horizonte (Figura 1), que apresentou algumas características próprias, distintas de outras escolas da mesma natureza no estado. A partir desta constatação, e tomando esta escola como referência, buscamos conhecer outras escolas criadas em Minas Gerais e suas organizações a partir de fontes documentais levantadas.



**Figura 1.** Sociedade Italiana de Belo Horizonte<sup>2</sup>.

Fonte: Pinto e Pontes (1911).

<sup>2</sup> Em primeiro plano, alunos e professores da escola, em segundo, a construção da sede da Sociedade.

Ressaltamos que as cidades de Belo Horizonte e Juiz de Fora estiveram no cerne das políticas de imigração e de educação do Estado em fins do século XIX e início do XX. Juntamente com Nova Lima, eram centros urbanos e políticos economicamente importantes e, principalmente, cidades que acolheram imigrantes no desenvolvimento de sua vida social.

### **A escola da Sociedade Beneficente de Mútuo Socorro de Belo Horizonte**

Sobre a escola de Belo Horizonte, os documentos indicam que, embora a Sociedade Italiana tenha sido fundada em 1897, sua escola foi criada apenas em 1903. O *Álbum de Belo Horizonte* (PINTO; PONTES, 1911) registrou informações sobre esta escola, sob o título de Escola Colonial Italiana de Belo Horizonte. Nestas informações, prestadas pelo então presidente da Sociedade Italiana E. Guadagnin, constava que a escola era dividida em 5 cursos elementares, frequentada por aproximadamente 100 alunos em 1903 e, em 1904, por 130. Consta, também, que funcionava uma escola noturna em espaço cedido pela Sociedade.

Em 1910, o jornal *Roma* informava que a Sociedade Nacional Dante Alighieri havia reconhecido oficialmente o Comitê Dante Alighieri local. Isso significava que a escola da Sociedade Italiana de Belo Horizonte passaria a receber subsídios do governo italiano, por meio da ‘Dante Alighieri’ nacional (COSTA, 2005).

No mês de dezembro de 1910, Guadagnin informou ainda que o curso ministrado compreendia “[...] os primeiros 5 cursos elementares, adotados nas ‘escolas governativas da Itália, adaptados às circunstâncias e interesses locais.’” (PINTO; PONTES, 1911, p. 49, grifo nosso).

Assim, a estruturação da Sociedade Italiana de Belo Horizonte e de sua escola, se enquadram na análise proposta por Kreutz (2004). Primeiro, porque esta associação era formada por sócios com características semelhantes às apresentadas pelo autor e, segundo, porque nesta escola, além de serem atendidas crianças brasileiras, o ensino se compunha dos cursos elementares das escolas italianas, “[...] ‘adaptados às circunstâncias e interesses locais.’” (PINTO; PONTES, 1911, p. 49, grifo nosso).

A relação estabelecida entre a Sociedade Italiana e o governo local, ajuda a elucidar a peculiaridade da escola a ela vinculada. Entre os textos desta história, as afirmações de dirigentes da entidade revelaram importantes aspectos nesta relação, desde a inauguração de Belo Horizonte, que se estenderam

ao longo dos anos, inclusive em relação à escola. Uma vez que esta adaptava seu currículo às circunstâncias e interesses locais, estabeleceu-se uma mediação prudente com as esferas que poderiam provocar um tensionamento nas relações étnicas.

Nos documentos, encontramos alguns registros esparsos sobre a escola que funcionava na sede da Sociedade Italiana, um dos quais informou a criação de uma cadeira de instrução pública – Decreto Estadual n. 3.096 de 14 de fevereiro de 1911<sup>3</sup>. Isto formalizou e confirmou legalmente a ‘participação’ do governo estadual na escolarização ministrada na Sociedade Italiana, um fato que nos pareceu diferenciador dos processos de outras escolas vinculadas às Associações.

Neste caso percebe-se um trânsito de interesses e influência política. Essa relação foi demonstrada ao longo da análise da história da Sociedade Italiana, e também no relato do inspetor auxiliar da capital. Além de exaltar a generosidade patriótica da autoridade pública mineira, este afirmou que o governo tinha como interesse maior a educação popular e, por isso, mantinha na Sociedade duas cadeiras ‘públicas’ de instrução.

Em Relatórios de Inspeção Técnica do Ensino para o ano de 1913, o inspetor auxiliar da Capital, Joaquim Pedro Lessa, elogiou a atitude do Estado ao criar esta cadeira. Além de seus habituais apontamentos, trata da visita à escola em 16 de setembro de 1913:

Entretanto, oferecendo-se-me a oportunidade, visitei a Escola Italiana, onde pela generosidade tão patriótica de V. Ex<sup>a</sup> e pelo dedicadíssimo interesse com que trata a causa da educação popular, são mantidas ali duas cadeiras, que funcionam em dois turnos – pela manhã e à tarde, aplicando-se principalmente ao estudo comparado das duas línguas irmãs, italiana e portuguesa, salvaguardando distinta a importância da língua nacional. (MINAS GERAIS, 1913, SI-3470).

Seus relatórios<sup>4</sup> deixaram claro que existiam na Sociedade Italiana duas cadeiras mantidas pelo

<sup>3</sup> “Cria uma cadeira mista de instrução primária na sede da Sociedade Beneficente Italiana, nesta Capital”. (MINAS GERAIS, 1914, p. 28).

<sup>4</sup> Sobre a visita à Escola Italiana, datada de 31 de março de 1913, o inspetor também anotou: “Foi ainda ocasião de visitar a escola mantida pela Associação Beneficente Italiana também situada à Rua dos Tamoios, onde o governo mantém duas professoras normalistas D. Cecília Gosling e D. Izabel de Paula Lana; a 1ª trabalha de 8 horas da manhã às 12 do dia e a 2ª desta hora às 4 da tarde. Boa impressão recebi do trabalho da professora D. Cecília que muito operosa e competentemente se encarrega do 1º ano do curso; mas é tudo ali inicial. [...] apenas abriu-se o curso do novo ano letivo no princípio do corrente mês. No dia da minha visita compareceram 65 alunos – a maior parte do sexo feminino. Notei muito asseio nas mesmas e na sala da escola; mas tal ou qual quebra de disciplina, resultado do descuido (que não tem outro nome) nesse sentido dos professores italianos – que permitem muita liberdade aos alunos – durante a sua estada nas suas respectivas salas de funcionamento, ressentindo-se desse inconveniente – quando voltam às salas das duas professoras, que – entretanto esforçam-se para compensar essa sensível lacuna, mantendo-se com zelo ‘inteligente’ em boa harmonia com a Diretoria do Estabelecimento, que não deixa de ser de muito prática utilidade. O ensino, de acordo com o Diretor da Escola, é dividido entre os professores italianos e as duas nacionais – por turmas que se revezam, cabendo a cada turma duas horas de trabalho com cada uma das professoras, no horário da manhã e da tarde” (MINAS GERAIS, 1913, SI-3470, grifo do autor).

Estado e não uma como rezava o Decreto Estadual n. 3.096. Os apontamentos do inspetor indicaram o funcionamento misto da escola em 1913, diferentemente do relatado nas informações anteriores. Presumimos que isso possa ter acontecido na reforma de 1909, quando houve a modificação na instituição e foi criado o *Comitato della Dante Alighieri*.

A coexistência deste tipo 'misto' de instrução parece ter assegurado a sobrevivência desta 'escola italiana' por mais tempo. Maria Canfora, ex-aluna da escola, expôs suas memórias que, mesmo vivenciadas no período de 1924-1927, reiteraram as informações contidas nos relatos do inspetor em 1913, demonstrando, também, que depois daquela data não ocorreram maiores mudanças na prática educativa da escola<sup>5</sup>.

No ano de 1914, o governo ainda editou dois decretos referentes à escola da Sociedade Italiana de Belo Horizonte<sup>6</sup>. Desse modo, a legislação evidenciou a efetiva participação do Estado junto à escolarização ministrada na Sociedade, como os fatos já anunciavam anteriormente. Isso permitiu compreender o desenvolvimento da escola desta instituição. Mesmo com todas as transformações ocorridas na Sociedade Italiana e na sua escola, como mudanças de nomes e de formas associativas, os dados encontrados em nossa pesquisa, mesmo fora do marco temporal, demonstraram a íntima relação da escola da Sociedade com o governo estadual ao longo do tempo.

Por três razões: a primeira consiste na criação de cadeiras de instrução pelo Estado na sede da Sociedade, inclusive como parte de um acordo quando da aquisição do terreno da sede; a segunda é a prestação de contas da Caixa Escolar com cópia

para a Secretaria do Interior; e a terceira, tão importante quanto as leis, é a que comprova a transformação de sua escola concomitante com a remodelação do ensino estadual. Se antes apareciam como cadeiras de instrução, no ano de 1921, foram designadas como Grupo Escolar<sup>7</sup> e a Caixa Escolar, anexa às escolas Dante Alighieri, que também era um elemento da administração da instrução pública do Estado. Esses fatos evidenciaram que o Estado não somente criou, como também manteve a escola na Sociedade Italiana ao longo de sua existência.

### As escolas italianas de Juiz de Fora

Fragmentos da história das escolas italianas foram, ao longo de décadas, publicados nos jornais de Juiz de Fora, especificamente das escolas Umberto Primo (da Sociedade Italiana Umberto Primo) e Regina Margherita (particular), sendo que o primeiro registro encontrado data de 1889 (O PHAROL, 1889).

Estas duas escolas possuíam características semelhantes, além de estreitas relações entre si e com a representação diplomática da Itália na cidade. Atendiam à educação de crianças filhas de imigrantes italianos em Juiz de Fora, que em fins do século XIX já apresentava demanda para duas escolas italianas.

A escola Regina Margherita foi fundada por Amália Ongaro de Battisti em 1892<sup>8</sup> e atendeu a uma parcela significativa das crianças filhas de imigrantes italianos em Juiz de Fora, em sua maioria filhos de trabalhadores. Algumas informações sobre ela aparecem também nos jornais da cidade, juntamente com a Escola Umberto Primo, e em relatórios de inspeção.

Os jornais noticiavam eventos e espetáculos, promovidos pelas duas instituições, geralmente em datas comemorativas da Itália e que envolviam os alunos das duas escolas, com a encenação de peças, declamações, canto, etc. Ressaltamos, também, a realização dos exames escolares, amplamente divulgados pelos jornais, e as solenidades de entrega dos prêmios destes exames. Estes eventos se transformaram em concorridas festas desta Sociedade e eram assistidos por autoridades locais, nacionais e internacionais (Figura 2).

<sup>7</sup> Era a mesma nomenclatura dada para as escolas estaduais na época.

<sup>8</sup> Como relata Casarin (2008b): "A outra escola particular italiana de Juiz de Fora era a Regina Margherita, fundada em 8/3/1892 pela italiana Amalia Ongaro de Battisti, acho que foi a única professora e diretora desta escola. Funcionou na Rua Santa Rita, no centro da cidade, creio eu que era na própria residência da professora. Teve muitos alunos e notamos que a maioria eram filhos de trabalhadores italianos".

<sup>5</sup> Casa D'Itália - "Situada à rua Tamoios entre as ruas Rio de Janeiro e São Paulo, esta escola recebeu o nome de Dante Alighieri [...] A escola era conhecida por Casa D'Itália por ali ser o ponto de reunião da sociedade italiana. [...] Tínhamos duas horas de aula de cada língua por dia! 'As aulas de português eram dadas por d. Izabel e d. Mariquinhas, professoras mantidas pelo Estado', enquanto que d. Olímpia e o sr. Perona, seu marido, vindos da Itália, davam aulas de italiano. Esses 4 professores eram responsáveis pelo ensino dos 4 anos primários. [...] Todas as manhãs, antes das aulas, e na abertura de todas as festividades, reuniam todos os alunos para cantar o hino nacional e o italiano. Todos nós, filhos de italianos e colegas da escola, falávamos esta língua com facilidade. O que nos encantava mesmo era o material escolar vindo da Itália: mapas lindos, livros ilustrados com figuras bonitas e cores vivas... e em papel muito bom! Isso nos enchia de orgulho daquele país distante de onde vieram nossos pais e avós. Quando terminava o primário, cada um recebia o certificado de cada curso e a premiação com medalhas que vinham com o espaço para gravar o nome do aluno! [...] A escola era um local alegre e todo ano havia o piquê tradicional. Era sempre escolhido um lugar aberto com muitas árvores e água. Era uma reunião com as famílias. Isso porque o número de alunos era baixo, entre 1924 e 1927 éramos apenas 60 crianças. [...] Todos os nossos irmãos estudaram naquela escola, 'até a entrada do Brasil na segunda guerra mundial, quando a escola foi invadida e toda quebrada'. Depois, o prédio foi usado por muitos anos como a 'Câmara Municipal' de Belo Horizonte." (CANFORA, 1997, p. IV-V, grifo nosso).

<sup>6</sup> O Decreto n. 4.078 de 05 de janeiro de 1914, que transformou em feminina a cadeira mista de instrução da sede da Sociedade Beneficente Italiana na capital, e o Decreto n. 4080, editado na mesma data, que criou uma escola masculina na sede da Sociedade (MINAS GERAIS, 1914, p. 5-6).



**Figura 2.** Programa de Espetáculo da Sociedade Umberto Primo (Juiz de Fora).

Fonte: Jornal do Comércio (1900).

### As escolas das Associações Italianas de Nova Lima e Ouro Fino

A escrita da história de Nova Lima a revela um centro industrial extremamente desenvolvido em fins do século XIX e início do século XX, uma cidade viva e multicultural, na qual a mineração absorvia a geral atividade dos milhares de trabalhadores nacionais e estrangeiros.

Senna (1918, p. 1649)<sup>9</sup> registrou uma vida urbana efervescente para os padrões da época e chamou a atenção para a importância dos imigrantes no município de Vila Nova de Lima, quando detectou a existência das “[...] agências consulares da Inglaterra, Itália e Espanha [...]”. Outros registros relataram a existência de escolas voltadas para a educação de imigrantes dessas três nacionalidades.

No ano de 1899, o inspetor escolar Domiciano Rodrigues Vieira, considerava Nova Lima um “[...] importante fenômeno sociológico da minha circunscrição [...]” (MINAS GERAIS, 1899, SI-

3958.) em função de seu desenvolvimento e prosperidade. Para um município de pequeno porte, esta cidade apresentava um número de escolas razoavelmente grande, embora nem todas auferissem elogios do inspetor.

As formas de inserção do imigrante italiano neste município se caracterizaram pelo trabalho exercido na St. John del Rey Mining Co. ou, de forma autônoma, como sapateiros, alfaiates, enfim, pequenos comerciantes. A referência à ‘Colônia Italiana’ em Nova Lima<sup>10</sup>, (diferentemente da concepção de núcleo colonial), dizia respeito à Sociedade Italiana de Mútuo Socorro, criada nos moldes de tantas outras espalhadas pelo Brasil (Figura 3).



**Figura 3.** Colégio Umberto I de Nova Lima, início do século XX.

Fonte: Acervo Família Mozelli (1906-1910).

A Sociedade Italiana de Nova Lima foi responsável pela fundação (em janeiro de 1899) e manutenção do Colégio Umberto I ao longo de sua existência, até a década de 1940<sup>11</sup>. A diferenciação do funcionamento deste colégio em relação às escolas públicas do município, no que tange às disciplinas lecionadas, à organização do ensino e ao vestuário dos alunos contribui para o esclarecimento de como se estruturava a educação para crianças filhas de imigrantes nas primeiras décadas republicanas em escolas particulares com características étnicas.

As informações sobre a cidade de Ouro Fino, localizada no sul de Minas, próxima a São Paulo, são mais precárias e a escola italiana teve sua criação em 1911. Estabelecemos, assim, apenas algumas aproximações acerca deste município. Sabemos que, como muitos municípios mineiros, Ouro Fino se ergueu a partir da exploração do ouro em meados do século XVIII, sendo elevado à categoria de município em 1880 (OURO FINO, 2013a).

<sup>10</sup> Assim como em Belo Horizonte e Juiz de Fora.

<sup>11</sup> Quando foi determinado pelo governo federal o fechamento das ‘escolas étnicas’.

<sup>9</sup> Apesar da data desta publicação, o registro de Senna apresenta informações que datam da primeira década do século XX.

Em relação a esta região, Oliveira (2006) afirma que, com a decadência do ouro,

[...] o povoamento dessa região intensificou-se graças ao desenvolvimento da pecuária e de culturas agrícolas, dando também início à apropriação de novas terras na direção oeste, um processo que ultrapassou a fronteira política que separava as duas Províncias, depois Estados [Minas e São Paulo].

Outras informações sobre a cidade destacam a construção da Viação Férrea do Sapucaí, cuja estação de Ouro Fino foi inaugurada em 1895, como extensão da malha ferroviária paulista (OURO PRETO, 2013b).

Sobre a criação da escola italiana, detectamos em documento enviado ao governo do Estado, no qual a Sociedade Dante Alighieri, pertencente ao Comitato do Sul de Minas, com sede em Ouro Fino, comunicou à Secretaria do Interior a instalação da escola primária italiana Dante Alighieri nesta cidade em 14 de maio de 1911. Nestes contextos emergem, então, as escolas abordadas neste artigo, cuja organização e currículos são analisados a seguir.

#### A organização das escolas e seus currículos

Kreutz nos auxilia na compreensão da estruturação das escolas italianas quando esclarece que estas escolas étnicas vinculadas a associações de mútuo socorro eram:

[...] escolas laicas, geralmente de boa qualidade, em que também eram aceitos alunos não pertencentes ao grupo que mantinha a escola. O currículo, além de atender às exigências nacionais, era complementado por aspectos da cultura do respectivo grupo étnico, ficando o mais próximo possível ao currículo praticado no país de origem. Essas escolas eram em número reduzido, normalmente não passavam de uma ou duas nos centros urbanos maiores, com um número suficiente de imigrantes para mantê-las. (KREUTZ apud LUCHESE, 2008, p. 3).

Nesse contexto, apresentamos a organização do ensino nas escolas italianas, lembrando que as informações partem de fontes diferentes e fragmentadas. Buscamos, assim, proceder algumas aproximações, apresentando a Figura 4 sobre a estruturação do ensino nestas escolas para o período.

Observamos que, de uma forma ou outra, quase todas as escolas possuíam pelo menos cinco ‘classes’ no que denominavam ensino elementar. As maiores diferenças ficam por conta da existência dos cursos noturnos e do chamado ‘asilo infantil’.

A diferenciação das primeiras classes, como caracterizadas nas escolas Regina Margherita (1895) e Umberto Primo (1905), demonstraram, em relação às variações observadas, diferentes níveis<sup>12</sup>. Consideramos, assim, Classe I<sup>a</sup> e Classe I<sup>a</sup> preparatória; a 1<sup>a</sup> Classe superior e inferior, que nos apresentam a subdivisão das primeiras classes. Ressaltamos também a oferta de ensino noturno nas escolas italianas criadas em Minas Gerais desde 1889, que somente não se apresenta na escola de Ouro Fino criada em 1911.

Neste aspecto, consideramos que a imigração italiana para as cidades de Belo Horizonte, Juiz de Fora e Nova Lima, três centros industriais importantes no período, caracterizou-se pela vinda de operários, comerciantes e artífices. Desse modo, diferenciou-se da imigração para a formação de núcleos coloniais, pois estes imigrantes se constituíram, em grande parte, como uma população urbana. Essa variável, certamente, faz parte da explicação da existência dos cursos noturnos nas escolas destas cidades.

A caracterização dos currículos das escolas italianas foi feita a partir de documentos enviados pelas escolas ao governo mineiro, de publicações em jornais e dos demais indícios coletados nas fontes. Essa construção apresenta as informações levantadas durante a pesquisa e, em alguns casos, são aproximações daqueles que seriam os currículos ‘oficiais’, como se segue na Figura 5.

Estas informações evidenciam características que permitem aproximações e algumas comparações acerca deste tema.

Ao apresentar em seus estudos as matérias que compunham o ensino de algumas Sociedades Italianas, como a Príncipe de Nápoles em Caxias do Sul, Luchese (2008), expõe alguns elementos que, também, estavam presentes na organização do ensino na escola da Sociedade Umberto Primo de Juiz de Fora.

Podemos perceber que havia uma uniformidade na estruturação das duas escolas, com pequenas distinções entre as matérias lecionadas. Em relação ao ensino de línguas, notamos que o ensino do italiano, francês e português foi característico da Umberto I de Juiz de Fora e da Escola Italiana de Caxias do Sul. Quanto às outras disciplinas, podemos distinguir a História, que na escola de Caxias do Sul compreendia História Italiana e Brasileira e na Umberto I, História Antiga e Moderna.

<sup>12</sup> Excluímos a Classe I<sup>a</sup> repetente da escola Regina Margherita na análise, pois nos pareceu provisória e não se apresentou posteriormente.

Associação Italiana (BH) 1903 - 1924	Regina Margherita (JF) 1895	Umberto Primo (JF) 1905	Umberto Primo (NL) 1899	Dante Alighieri (OF) 1911	Príncipe de Nápoles (Caxias do Sul) 1904*
Cursos elementares das escolas <i>governativas da Itália, adaptados às circunstâncias e interesses locais</i>  "Ensino, dividido entre os professores italianos e as duas nacionais – por turmas que se revezam, cabendo a cada turma duas horas de trabalho com cada uma das professoras, no horário da manhã e da tarde". "Tínhamos duas horas de aula de cada língua por dia!"  Classes: V, IV (...)	Classe IV <sup>a</sup> Classe III <sup>a</sup> Classe II <sup>a</sup> Classe I <sup>a</sup> Classe I <sup>a</sup> (preparatória) Classe I <sup>a</sup> (repetente)	4 <sup>a</sup> classe 3 <sup>a</sup> classe 2 <sup>a</sup> classe 1 <sup>a</sup> classe 1 <sup>a</sup> classe superior 1 <sup>a</sup> classe inferior	1 <sup>a</sup> classe 2 <sup>a</sup> classe 3 <sup>a</sup> classe 4 <sup>a</sup> classe	Classe I <sup>a</sup>  Classe II <sup>a</sup>  Classe III <sup>a</sup>  Classe IV <sup>a</sup>  Classe V <sup>a</sup>	1 <sup>a</sup> classe (elementar) 2 <sup>a</sup> classe (elementar) 3 <sup>a</sup> classe (elementar)
	Asilo Infantil		Curso primário: Quatro salas 'para aulas' Uma para 'livre recreação'		
Curso noturno	Noturna	Escola noturna	Escola noturna  1 <sup>a</sup> classe 2 <sup>a</sup> classe 3 <sup>a</sup> classe	-----	Curso superior
					Ensino noturno

**Figura 4.** Organização do ensino nas escolas italianas de Minas Gerais/ classes-séries/ 1899-1911.

\*Os dados para a Escola Italiana Príncipe de Nápoles (masculina) que aqui utilizamos a título de comparação, foram apresentados por Luchese (2008). BH = Belo Horizonte; JF = Juiz de Fora; NL = Nova Lima; OF = Ouro Fino. Fontes: Minas Gerais (1899, 1913); Canfora (1997, 2009); Jornal do Comércio (1905); Casarin (2008a); Minas Gerais (1911-1912).

Associação Italiana (BH)	Regina Margherita (JF)	Umberto Primo (JF)	Umberto Primo (NL) 1899	Dante Alighieri (OF) 1911	Príncipe de Nápoles (Caxias do Sul) 1904
Língua italiana, Língua portuguesa, e demais matérias do curso elementar <sup>13</sup> .	Leitura, Aritmética, História, Geografia, Gramática, Caligrafia <sup>14</sup>  Língua Portuguesa <sup>15</sup>	Italiano, Francês, Geometria, Geografia, Aritmética, Caligrafia, História Antiga e Moderna  Língua Portuguesa	Língua italiana, Língua portuguesa, Composição, Aritmética, Geometria, História, Geografia, Ginástica e nomenclatura do corpo humano, Caligrafia, Doutrina Cristã	Classe I <sup>a</sup> Educação Moral, Língua italiana, Aritmética, Caligrafia, Educação física	Língua italiana, portuguesa e francesa, História Italiana e Brasileira, Geografia, Matemática, Geometria, Desenho, Caligrafia, Canto, Ginástica, Exercícios militares
				Classe II <sup>a</sup> Educação Moral, Línguas, Aritmética, Caligrafia, História, Geografia, trabalhos femininos e ginástica.	
Classe III <sup>a</sup> Educação Moral, Línguas italiana e portuguesa, Aritmética e Geometria, Caligrafia, Várias Noções, História, Geografia, trabalhos femininos e ginástica.					
Classe IV <sup>a</sup> Educação Moral, Línguas italiana e portuguesa, Aritmética e Geometria, Caligrafia, Várias Noções, História, Geografia, trabalhos femininos e ginástica.					
Classe V <sup>a</sup> Educação Moral e Cívica, Línguas italiana e portuguesa, Aritmética e Geometria, Caligrafia, História e Geografia, trabalhos femininos e ginástica.					
Curso noturno					Curso noturno
Matemática e Desenho					Língua italiana Gramática, Aritmética, Caligrafia

**Figura 5.** Quadro das matérias constantes nos currículos das escolas italianas.

Fontes: Minas Gerais (1899); Canfora (1997, 2009); O Pharol (1889, 1901); Jornal do Comércio (1905); Casarin (2008a); Minas Gerais (1911-1912); Luchese (2008).

Diferenciavam-se ainda Canto e Desenho, que não apareceram, no período, na escola Umberto Primo de Juiz de Fora. No entanto, considerando as apresentações feitas pelos alunos de peças teatrais, inclusive óperas, cantos diversos e declamações de poemas clássicos nas festividades da Sociedade Umberto Primo, depreendemos que noções de educação artística, incluindo canto e artes, estivessem presentes na escola. Em relação à Ginástica e exercícios militares, lembramos que a escola de Caxias do Sul se tratava de uma escola para meninos. Quanto à organização das classes, a diferenciação é menor, pois a estruturação da Escola Umberto I apresentou as classes 4ª, 3ª, 2ª e 1ª superior e inferior; e a Escola Italiana de Caxias do Sul, a 1ª, 2ª e 3ª.

O programa do Colégio Umberto I de Nova Lima explicitou, em 1899, três matérias diferentes: Composição, Nomenclatura do corpo humano e Doutrina Cristã. Entendemos que noções de escrita de textos, ciências e aspectos religiosos eram trabalhados nestas disciplinas, que somente aparecem especificadas no currículo da escola Dante Alighieri, de Ouro Fino, em 1911.

Na escola de Nova Lima, os cursos noturnos apresentavam-se em três classes (1ª, 2ª, 3ª), uma a menos que o curso diurno; na escola da Sociedade Italiana de Belo Horizonte, as matérias lecionadas eram Matemática e Desenho. Já na escola Príncipe de Nápoles, apresentada por Luchese (2008), notamos uma redução das matérias em relação ao curso diurno, no entanto, são mantidas as quatro matérias elementares.

As informações do programa da escola Dante Alighieri de Ouro Fino são mais detalhadas e apresentam algumas especificações importantes. Notamos que a partir da 3ª classe são agregadas as matérias Geometria e Várias Noções e que, na 5ª classe, a Educação Moral se transforma em Educação Moral e Cívica.

A disciplina 'Várias Noções' aparece na 3ª e 4ª classes com seu conteúdo assim descrito: 3ª classe – 'Corpo humano. Principais noções sobre a fauna, flora e minerais mais úteis do Brasil'; 4ª classe – Repetição ampliada das noções dadas na 3ª classe'. Em relação à Educação Moral, ela aparece da 1ª à 3ª classe como 'noções práticas da conduta'; na 4ª classe, como 'noções práticas da conduta moral e cívica' e na 5ª classe, como Educação Moral e Cívica, contemplando: "Deveres e direitos do homem e do cidadão. Conhecimentos práticos de política e administração do Reino da Itália e da República do Brasil." (MINAS GERAIS, 1911-1912, SI-3356).

<sup>13</sup> É importante lembrar que a partir de 1911 são cadeiras 'públicas' de instrução.

O exame dos currículos revelou que na maioria deles o ensino da língua portuguesa era contemplado juntamente com o ensino da língua italiana. Em que pese o caráter fragmentário das informações relativas às escolas de Juiz de Fora, as fontes revelaram que o ensino da língua nacional não parecia se constituir uma prioridade. No caso das duas escolas de Juiz de Fora, o ensino da língua portuguesa foi citado apenas em declaração do representante consular como dado em uma aula semanal<sup>16</sup>. Este fato, comparado com os registros da escola da Sociedade Italiana de Belo Horizonte, onde havia duas horas diárias de aula em cada idioma, instituiu um diferencial entre as escolas. Um aspecto que deve ser levado em conta na compreensão desta diferença é que a escola que funcionou na Sociedade de Belo Horizonte era pública.

Para além do período de nossa análise, tivemos a oportunidade de acesso ao currículo 'oficial' da escola Umberto Primo de Juiz de Fora por meio dos certificados recebidos por uma aluna em 1940. A partir destes documentos, foi possível refletir sobre algumas questões e levantar outras. No certificado impresso da escola elementar, entre as matérias ensinadas, consta, inscrito a mão, no item 'língua estrangeira – português', caracterizando assim uma flexibilidade de sua presença no currículo<sup>17</sup> (Figura 6).

Se em Belo Horizonte foi possível detectar esta parceria em 1911, em Juiz de Fora, apesar das evidências, não foi possível constatá-la no período de nossa pesquisa. No entanto, para o ano de 1940, alguns alunos da escola Umberto Primo recebiam três certificados. Um do Reino da Itália (distinção pelo rendimento escolar), um Certificado de Estudo, da escola elementar italiana de Juiz de Fora e o terceiro, um Certificado de Aprovação do Estado de Minas Gerais, no qual a escola italiana é designada como 'Grupo Escolar' Umberto Primo pelo próprio Estado (Figura 7).

Deparamos assim com outras importantes questões que se interpõem no estudo das escolas italianas em Minas Gerais que só o desenvolvimento de pesquisas sobre o tema poderá responder. Alguns aspectos podem oferecer pistas sobre os caminhos percorridos pelos grupos de imigrantes italianos até as suas escolas,

<sup>14</sup> Informações aproximadas, a partir da relação de compêndios adotados.

<sup>15</sup> Sobre o ensino de língua portuguesa nas escolas Regina Margherita e Umberto Primo de Juiz de Fora, a informação foi dada em matéria publicada no jornal O Pharol (1901; MINAS GERAIS, 1901, grifo nosso) quando o Conde Belli di Serdis, cônsul italiano interino "[...] informou que tanto na escola <Regina Margherita> como na <Umberto Primo> dirigida nesta cidade por seus patrícios, a língua nacional é ensinada, havendo uma aula semanal de português em cada uma delas". Temos, deste modo, a referência ao ensino da língua nacional, em uma aula semanal, embora saibamos também que todos os compêndios de ensino adotados eram italianos.

<sup>16</sup> Nas fontes utilizadas nesta pesquisa, até o ano de 1915, não encontramos referências ao ensino da língua portuguesa. Nem mesmo na relação de compêndios adotados.

<sup>17</sup> Alguns impressos são datados da década de 1930 e foram visivelmente alterados e substituídos para 1940. Este fato nos levou a constatar a utilização de formulários, na década de 1930, o que se estendeu à década de 1940.

e um dos mais importantes neste contexto são as relações políticas e sociais estabelecidas por estes grupos. As trajetórias das escolas de Belo Horizonte e Juiz de Fora apontam nesta direção.



Figura 6. Certificado de Estudo.

Fonte: Acervo Família Scanapico (2010).



Figura 7. Certificado de Aprovação - Grupo Escolar Umberto Primo.

Fonte: Acervo Família Scanapico (2010).

### Considerações finais

Nas cidades de Belo Horizonte, Juiz de Fora e Nova Lima a maior parte dos imigrantes italianos eram operários, comerciantes e artífices, viviam, portanto, no meio urbano.

Esta foi uma variável importante na organização da vida coletiva, pois foi diferenciadora da imigração voltada para núcleos rurais<sup>18</sup>.

Conforme abordado em estudos sobre o tema (KREUTZ, 2004; LUCHESE, 2008; VEIGA; RODRIGUES, 2006; RODRIGUES, 2009) e pela própria pesquisa, estas escolas eram étnicas e se constituíram em lugares de manutenção do que se denomina de 'italianidade'. Ao confrontarmos a etnicidade das escolas com a perspectiva de assimilação que se instalou como diretriz do governo mineiro em relação aos imigrantes, encontramos uma particularidade que, à primeira vista, parece um paradoxo. Ou seja, um governo que se propôs a assimilar o imigrante e, ao mesmo tempo, criou escolas públicas nas associações que mantinham a cultura italiana. Se por um lado, podemos considerar esta ação como uma forma de assimilação, especificamente no que tange aos italianos, por outro, a análise dos currículos suscita outras questões.

Sabemos que uma das características dos currículos das escolas italianas foi o atendimento das exigências nacionais, mantendo grande proximidade com o currículo do país de origem. Assim, seriam 'adaptados às circunstâncias e interesses locais'. No caso das escolas de Belo Horizonte e Juiz de Fora, esta adaptação se construiu na interseção das boas relações com o governo local, o que permitiu a manutenção da 'italianidade' nas escolas sem maiores tensionamentos.

Entendemos ainda que o ensino da língua portuguesa seria um elemento indispensável ao atendimento das exigências nacionais. No caso das escolas estudadas, a língua portuguesa aparece explicitamente nos currículos, exceto para as escolas de Juiz de Fora<sup>19</sup>. Estes indícios, somados aos certificados emitidos pela escola Umberto Primo em período posterior, sugerem uma flexibilização em relação ao ensino da língua portuguesa.

A indagação que apresentamos é: que elementos eram comuns e quais foram diferenciadores das escolas italianas em Minas Gerais?

Observamos uma regularidade na organização das escolas italianas estudadas. Em que pesem as variações da estruturação do ensino e de algumas disciplinas, podemos afirmar que existem mais proximidades que diferenças. No entanto, a grande diferença das escolas italianas em Minas Gerais no caso de Belo Horizonte, ficou por conta da 'parceria' com o governo do estado. O que nos permite a caracterização desta escola como 'étnica' e 'pública'. E os indícios levantados sugerem a possibilidade de configuração semelhante para a escola Umberto Primo de Juiz de Fora em período posterior, demonstrando que a 'adaptação às circunstâncias e interesses locais' se efetivou com sucesso.

Gerais, mas não se constitui objeto deste estudo.

<sup>19</sup> Pelo que foi apurado nas fontes.

<sup>18</sup> Que, diga-se de passagem, também esteve presente na imigração em Minas

## Referências

- ACERVO FAMÍLIA MOZELLI. **Colégio Umberto I**. Nova Lima, Mg, 1906-1910. (1 foto preto e branco).
- ACERVO FAMÍLIA SCANAPIECO. **Certificado de Estudo e de Aprovação**. Juiz de Fora, MG, 2010.
- CANFORA, M. **Canfora: uma história**. [S.l.: s.n.], 1997.
- CANFORA, Hugo. Belo Horizonte, 2009. Entrevista concedida a Maysa Gomes Rodrigues.
- CASARIN, H. **Banco de dados sobre a imigração italiana em Juiz de Fora e Zona da Mata Mineira**. Juiz de Fora, 2008a.
- CASARIN, Heliane. Juiz de Fora, 2008b. Entrevista concedida a Maysa Gomes Rodrigues.
- COSTA, G. N. **Imprensa italiana em terra estrangeira: vozes sociais em ação**. (Belo Horizonte 1900-1920). 2005. 136f. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciências Humanas)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- JORNAL DO COMÉRCIO. Juiz de Fora, 14 mar. 1900.
- JORNAL DO COMÉRCIO. Juiz de Fora, 14 nov. 1905.
- KREUTZ, L. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 15, p. 159-176, 2000.
- KREUTZ, L. Escolas de imigrantes em contexto de formação do Estado / Nação no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 2004, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2004. 1 CD-ROM.
- LUCHESE, T. A. Imigrantes italianos e suas escolas no Rio Grande do Sul, Brasil. In: CONGRESSO LUSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2008, Porto. **Anais eletrônicos...** Porto: Universidade do Porto, 2008. 1 CD-ROM.
- MINAS GERAIS. Assembléa Provincial de Minas Geraes. **Falla que à Assembléa Provincial de Minas Geraes dirigiu Luiz Eugenio Horta Barbosa**. Ouro Preto, Typ. de J.F. de Paula Castro, 1888. Disponível em: <[www.crl.edu/content/brazil/mina.htm](http://www.crl.edu/content/brazil/mina.htm)>. Acesso em: 20 out. 2008.
- MINAS GERAIS. Arquivo Público Mineiro. **Relatórios de Inspeção de Ensino**. Belo Horizonte, 1899. (SI- 3958).
- MINAS GERAIS. Arquivo Público Mineiro. **Correspondência recebida pela Secretaria do Interior referente à Instrução Pública**. Belo Horizonte, 1901. 4ª. Seção. (SI - 2757).
- MINAS GERAIS. Secretaria do Interior. **Correspondência referente à instrução pública**. Belo Horizonte, 1911-1912. (Arquivo Público Mineiro, SI-3356).
- MINAS GERAIS. Arquivo Público Mineiro. **Relatório de Inspeção Técnica do Ensino**. Belo Horizonte, 1913. (SI 3470).
- MINAS GERAIS. **Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais**. Ouro Preto, MG, 1914. (Coleção das leis e decretos de Minas Gerais, 1891-1914).
- OLIVEIRA, F. A. M. **Identidades de fronteira e transgressões de limites: São Paulo e Minas Gerais (1930-1935)**. Assis: Unesp, 2006. Disponível em: <[www.anpuhsp.org.br/](http://www.anpuhsp.org.br/)>. Acesso em: 1 maio 2010.
- O PHAROL. Juiz de Fora, 11 nov. 1889.
- O PHAROL. Juiz de Fora, 20 set. 1901.
- OURO FINO. **Municípios de Minas Gerais**. Disponível em: <<http://www.almg.gov.br/>>. Acesso em: 22 jun. 2013a.
- OURO FINO. **Estações ferroviárias do Estado De Minas Gerais**. Ramal de Sapucaí. Disponível em: <[www.estacoesferroviarias.com.br/](http://www.estacoesferroviarias.com.br/)>. Acesso em: 22 jun. 2013b.
- PINTO, R. A.; PONTES, T. L. **Álbum de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1911.
- RODRIGUES, M. G. **Sob o céu de outra pátria: imigrantes e educação em Juiz de Fora e Belo Horizonte, Minas Gerais. (1888-1912)**. 2009. 401f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- SENNA, N. C. **Anuario de Minas Gerais**. Belo Horizonte, 1918. p. 1649-1652. Tomo 2. v. 6.
- TRENTO, A. **Do outro lado do Atlântico**. São Paulo: Nobel, 1989.
- VEIGA, C. G.; RODRIGUES, M. G. Etnicidade e história da educação. In: MORAIS, C. C.; PORTES, E. A.; ARRUDA, M. A. (Org.). **História da educação: ensino e pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 27-57.

*Received on November 13, 2013.*

*Accepted on March 7, 2014.*

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.